

Cataventos da Póvoa de Varzim, reproduzidos por Rocha Peixoto num dos seus estudos da «Portugalia»

NAS VÉSPERAS DO
CENTENÁRIO DE

ROCHA PEIXOTO

(5)



ESTA a biografia de Rocha Peixoto indissolúvelmente vinculada à cidade do Porto. Não o está menos, contudo, à marítima Póvoa de Varzim, pois ao escritor sempre os costumes, o progresso e a história da sua vila natal mereceram o melhor carinho. «Ele queria eternicamente à sua terra natal» — declarou Júlio Brandão (1). Outros dos seus amigos íntimos, como Manuel Silva, P.º Manuel Ribeiro de Castro, Manuel Monteiro, David Alves, Eduardo Pimenta, António Silveira, Cândido Landolt, etc., ofereceram-nos testemunhos idênticos, nos quais rememoram, até, alguns acontecimentos e obras derivados do «fervor bairrista» do insigne poveiro (2). Viva e contagiante, não pode esta faceta da actividade de Rocha Peixoto ser hoje evocada por conterrâneo seu sem verdadeira emoção e fundo reconhecimento: é que não se extingue, eis uma certeza, a alma dos actos que brotaram de um fogo nobre!

Aos vinte e um anos já Rocha Peixoto projectava escrever um trabalho etnográfico acerca dos pescadores poveiros, trabalho que seria ilustrado por Xavier Pinheiro (3). Tal volume nunca veio a sair, sucessivamente adiado a fim de aparecer cada vez mais completo. Mas em diversos artigos que o eminente cientista deixou na Revista de Ciências Naturais e Sociais e na Portugalia, com frequência se nos deparam informações folclóricas sobre os pescadores da Póvoa de Varzim. Justo adversário da espoliação económica dos humildes (4), deu brado o artigo que em 4 de Abril de 1894 inseriu no O Primeiro de Janeiro, verberando os abusos do fisco relativamente aos pescadores poveiros e batendo-se pela conclusão do porto de abrigo da Póvoa e pela fiscalização efectiva da pesca a vapor. Muito conhecida ficou, também, a defesa que fez dos pescadores da sua terra quando Leite de Vasconcelos, em 1903, difundiu a tradição da comunidade poveira apedrejar as imagens dos santos se não atendiam as súplicas que lhes tinham sido dirigidas (5). Ainda a pedido de Rocha Peixoto elaborou Fonseca Cardoso, em 1908, o estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim, publicado a seguir na Portugalia

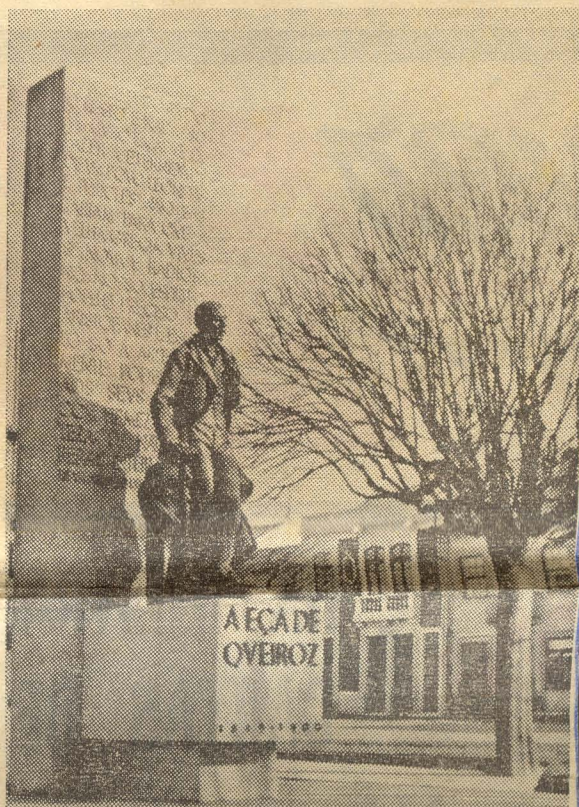
Sobre os aspectos etnográficos da Póvoa de Varzim urbana, e das freguesias rurais do seu concelho, não são poucas as notas que Rocha Peixoto incluiu nos seus ensaios da Portugalia — ora acerca das casas e cataventos, ora dos processos de iluminação popular, tábuas votivas, mós manuais, procissões, etc. (referências por vezes acompanhadas de gravuras ilustrativas, tão difíceis, na época, de se obterem).

Muito lhe deve, igualmente, a exploração arqueológica da vila e do concelho. Ao ser avisado, em 1903, do aparecimento de vestígios luso-romanos no Alto de Martim Vaz, na zona norte da vila, logo organizou um grupo de «pessoas ilustradas» da Póvoa que material e moralmente apoiou a realização de metódicas escavações, naquele mesmo ano levadas a cabo por José Fortes; delas nasceu o opúsculo que este, depois, editou, intitulado Restos de uma villa lusitano-romana (Porto, 1905). Sabendo o arqueólogo poveiro que os castros de Terroso e de Laundos necessitavam de uma competente exploração, conseguiu interessar nisso dois capitalistas locais, que benemeritamente sustentaram campanhas de escavações em 1906 e 1907; do resultado dos trabalhos deu conta o próprio Rocha Peixoto, num artigo da Portugalia que ficaria a ser o último daquela revista (vol. II, pp. 677-680). Em 1907 teve o cientista notícia das jóias proto-históricas que no monte de Laundos um pedreiro descobrira e tentara vender. Rocha Peixoto não só salvou as magníficas peças,

por FLAVIO GONÇALVES

teiro (1908), bastariam para que não fosse admissível o esquecimento do nome de Rocha Peixoto!

Não podem os homens fugir ao condicionalismo da sua época, força justamente capaz de lhes despertar a capacidade de acção. Nos fins do século XIX e nos princípios do século actual, a Póvoa de Varzim atravessou um momento de autêntico progresso, particularmente, acentuado no decorrer da regência camarária do Dr. David Alves. Colaborando nesse



Póvoa de Varzim. O monumento a Eça de Queirós, vendo-se ao fundo, com a respectiva placa de bronze, a casa onde nasceu o escritor (após a lamentável construção que sofreu)



natal mereceram o melhor carinho. «Ele queria enternecidamente à sua terra natal» — declarou Júlio Brandão (1). Outros dos seus amigos íntimos, como Manuel Silva, P.^o Manuel Ribeiro de Castro, Manuel Monteiro, David Alves, Eduardo Pimenta, António Silveira, Cândido Landolt, etc., oferecem-nos testemunhos idênticos, nos quais rememoram, até, alguns acontecimentos e obras derivados do «fervor baírrista» do insigne poveiro (2). Viva e contagiante, não pode esta faceta da actividade de Rocha Peixoto ser hoje evocada por conterrâneo seu sem verdadeira emoção e fundo reconhecimento: é que não se extingue, eis uma certeza, a alma dos actos que brotaram de um fogo nobre!

Aos vinte e um anos já Rocha Peixoto projectava escrever um trabalho etnográfico acerca dos pescadores poveiros, trabalho que seria ilustrado por Xavier Pinheiro (3). Tal volume nunca veio a sair, sucessivamente adiado a fim de aparecer cada vez mais completo. Mas em diversos artigos que o eminente cientista deixou na Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes e na Portugalia, com frequência se nos deparam informações folclóricas sobre os pescadores da Póvoa de Varzim. Justo adversario da espoliação económica dos humildes (4), deu brado o artigo que em 4 de Abril de 1894 inseriu n.º Primeiro de Janeiro, verberando os abusos do fisco relativamente aos pescadores poveiros e batendo-se pela conclusão do porto de abrigo da Póvoa e pela fiscalização efectiva da pesca a vapor. Muito conhecida ficou, também, a defesa que fez dos pescadores da sua terra quando Leite de Vasconcelos, em 1903, difundiu a tradição da comunidade poveira apedrejar as imagens dos santos se não atendiam as súplicas que lhes tinham sido dirigidas (5). Ainda a pedido de Rocha Peixoto elaborou Fonseca Cardoso, em 1908, o estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim, publicado a seguir na Portugalia (vol. II, pp. 517-539). Sem qualquer mesquinho espírito de competição e de inveja, que é vulgar nos nossos investigadores, procurou, sim que a vida dos pescadores poveiros fosse estudada por todos os que a essa tarefa pudessem meter ombros. Cândido Landolt confessa que sem o estímulo de Rocha Peixoto nunca teria impresso o seu Folk-Lore Varzino, saído em 1915 (pp. 9-12). E à intervenção de Rocha Peixoto — herança inesquecível! — devemos o fundo inicial de O Poveiro de A. Santos Graça, o admirável e clássico livro dos usos e tradições da colmeia piscatória varzinesa (Póvoa de Varzim, 1932, pp. 7-9).

da Portugalia — ora dos processos de iluminação popular, tábuas votivas, mós manuais, procissões, etc. (referências por vezes acompanhadas de gravuras ilustrativas, tão difíceis, na época, de se obterem).

Muito lhe deve, igualmente, a exploração arqueológica da vila e do concelho. Ao ser avisado, em 1903, do aparecimento de vestígios luso-romanos no Alto de Martim Vaz, na zona norte da vila, logo organizou um grupo de «pessoas ilustradas» da Póvoa que material e moralmente apoiou a realização de metódicas escavações, naquele mesmo ano levadas a cabo por José Fortes; delas nasceu o opúsculo que este, depois, editou, intitulado Restos de uma villa lusitano-romana (Porto, 1905). Sabendo o arqueólogo poveiro que os castros de Terroso e de Laundos necessitavam de uma competente exploração, conseguiu interessar nisto dois capitalistas locais, que beneméritos sustentaram campanhas de escavações em 1906 e 1907; do resultado dos trabalhos deu conta o próprio Rocha Peixoto, num artigo da Portugalia que ficaria a ser o último daquela revista (vol. II, pp. 677-680). Em 1907 teve o cientista notícia das jóias proto-históricas que no monte de Laundos um pedreiro descobrira e tentara vender. Rocha Peixoto não só salvou as magníficas peças,

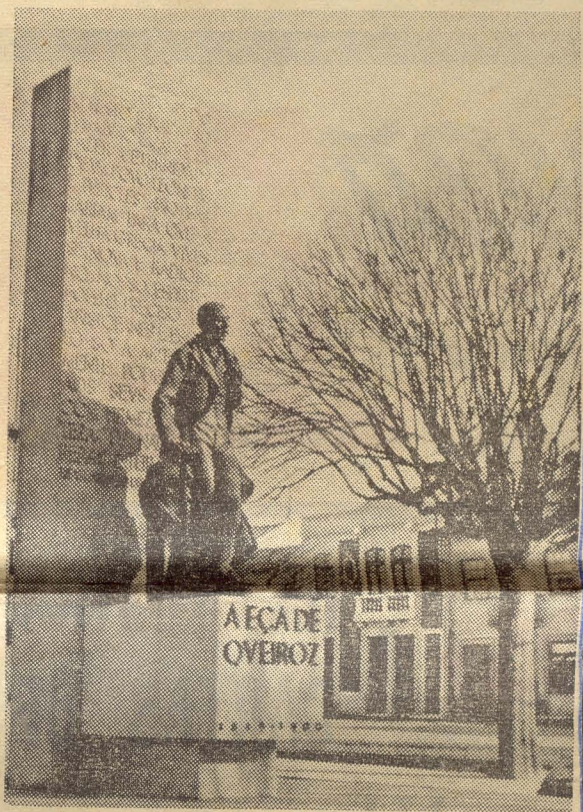
comprando-as para o Museu Municipal do Porto, como obteve que Ricardo Severo escrevesse sobre as jóias na Portugalia, um excelente estudo (vol. II, pp. 403-412). No ano seguinte, em Abril de 1908, foram encontrados na Estela outros objectos da ourivesaria lusitana: um colar, duas arreçadas, torques, etc. Posto ao corrente do achado por Cândido Landolt, de novo o erudito poveiro correu à sua terra e adquiriu para o Museu portuense o precioso tesouro, encarregando José Fortes de redigir, ainda para a Portugalia, um artigo consagrado a essas jóias da Estela (vol. II, pp. 605-618).

Das aldeias do concelho da Póvoa de Varzim transportou Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto diversas outras peças que assim escaparam ao abandono e à destruição, e hoje se vêem no Museu Nacional de Soares dos Reis: mós manuais de Terroso e de Averomar, uma arca sepulcral proto-cristã de Rates, um capitel românico, historiado, da antiga matriz de S. Tiago de Amorim, capitéis românicos da igreja de S. Pedro de Rates, e marcos da Casa de Bragança idos de Nabais, Amorim e Terroso (6). Foi ainda Rocha Peixoto quem convidou insistentemente o seu amigo e primo, Manuel Monteiro a escrever a monografia sobre a igreja românica de S. Pedro de Rates — um livro notável, que tornou conhecido no

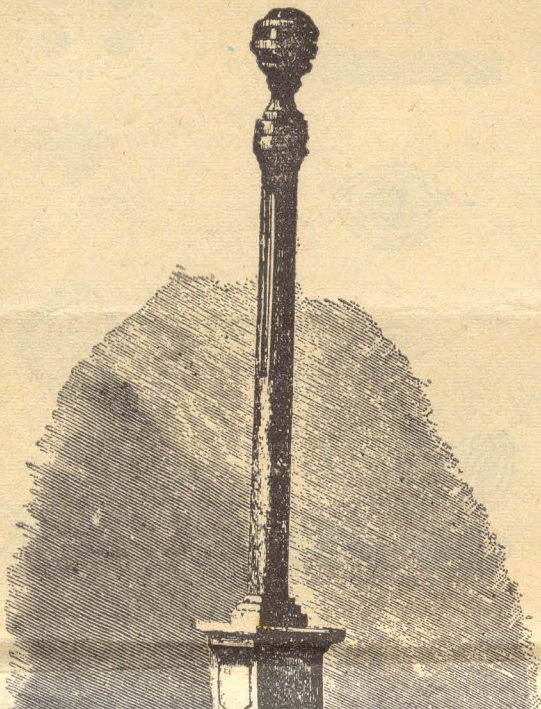
surto de iniciativas, Rocha Peixoto prestou à sua terra inestimáveis serviços. Na Póvoa, na casa que fora de seus pais, passava o ilustre etnógrafo parte das suas férias, e outros períodos curtos, de modo que nunca perdeu o contacto com a vila e com os amigos que nela contava.

Já em 1896, no jornal Estrela Povoense, proclamara Rocha Peixoto a obrigação de a Câmara Municipal reerguer o pelourinho da vila, que anos antes havia sido desmontado, por motivo das obras feitas na Praça do Almada. A Câmara atendeu a sugestão e o monumento reconstruiu-se no lugar em que hoje se mantém (7).

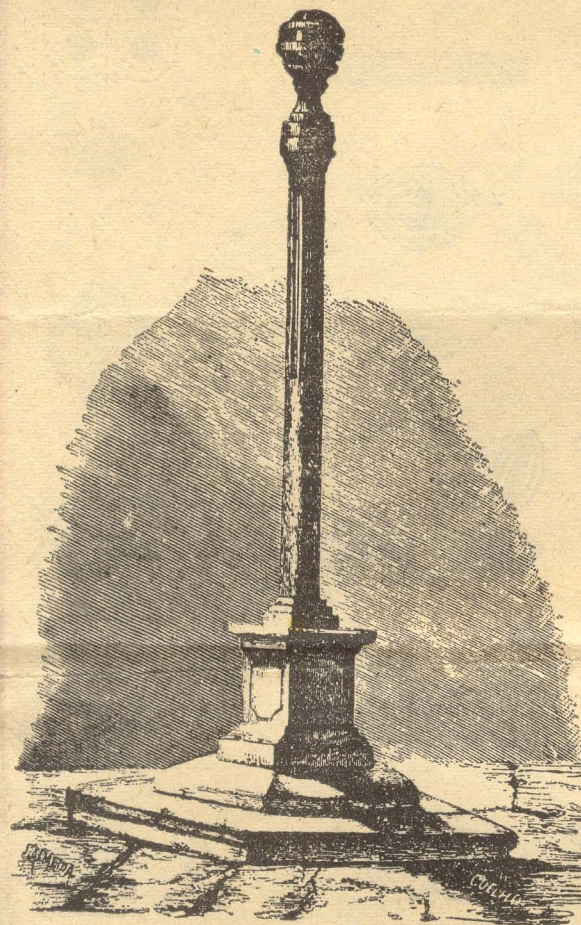
Por 1903 lembrou-se Rocha Peixoto que, enaltecendo a memória de Eça de Queirós, se devia colocar uma placa comemorativa na casa da Póvoa de Varzim onde, em 1845, o romancista nascera! Aceite a ideia por alguns «povoenses diplomados», e decidida a homenagem, logo aderiram a ela os poveiros residentes no Brasil, que quiseram custear as despesas da placa. Nomeada uma comissão, da qual fez parte Rocha Peixoto, encomendou-se ao escultor António Teixeira Lopes, em 1904, a projectada lápida de bronze que, apesar de pronta no ano imediato, se inaugurou só em 14 de Outubro de 1906, no meio de festejos (8). Na mesma altura sofreu Rocha Peixoto, porém, merecidos ataques e críticas, por alguns vilacondenses defenderem que Eça de Queirós não nascera na Póvoa de Varzim, mas sim em Vila do Conde (vila na qual o futuro romancista foi, de facto, baptizado). A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim convidou então Rocha Peixoto, a procurar elementos que provassem a verdadeira naturalidade do autor de Os Maias. Em breve espaço de tempo conseguiu o grande obreiro da Portugalia recolher diversos testemunhos que garantiam o nascimento de Eça de Queirós na Póvoa de Varzim, como uma carta escrita pela própria mãe do romancista e uma antiga



Póvoa de Varzim. O monumento a Eça de Queirós, vendo-se ao fundo, com a respectiva placa de bronze, a casa onde nasceu o escritor (após a lamentável construção que sofreu)



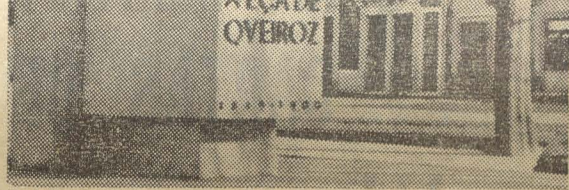
relativamente aos pescadores poveiros e batendo-se pela conclusão do porto de abrigo da Póvoa e pela fiscalização efectiva da pesca a vapor. Muito conhecida ficou, também, a defesa que fez dos pescadores da sua terra quando Leite de Vasconcelos, em 1903, difundiu a tradição da comunidade poveira apedrejar as imagens dos santos se não atendiam as súplicas que lhes tinham sido dirigidas (5). Ainda a pedido de Rocha Peixoto elaborou Fonseca Cardoso, em 1908, o estudo antropológico dos pescadores da Póvoa de Varzim, publicado a seguir na *Portugalia* (vol. II, pp. 517-539). Sem qualquer mesquinho espírito de competição e de inveja, que é vulgar nos nossos investigadores, procurou, sim que a vida dos pescadores poveiros fosse estudada por todos os que a essa tarefa pudessem meter ombros. Cândido Landolt confessa que sem o estímulo de Rocha Peixoto nunca teria impresso o seu *Folk-Lore Varzino*, saído em 1915 (pp. 9-12). E à intervenção de Rocha Peixoto — herança inesquecível! — devemos o fundo inicial de O Poveiro de A. Santos Graça, o admirável e clássico livro dos usos e tradições da colmeia piscatória varzinaense (Póvoa de Varzim, 1932, pp. 7-9).



O pelourinho da Póvoa de Varzim, reconstruído graças à acção de Rocha Peixoto

do resultado de trabalhos de Rocha Peixoto, num artigo da *Portugalia* que ficaria a ser o último daquela revista (vol. II, pp. 677-680). Em 1907 teve o cientista notícia das jóias proto-históricas que no monte de Laundos um pedreiro descobrira e tentara vender. Rocha Peixoto não só salvou as magníficas peças, comprando-as para o Museu Municipal do Porto, como obteve que Ricardo Severo escrevesse sobre as jóias na *Portugalia*, um excelente estudo (vol. II, pp. 403-412). No ano seguinte, em Abril de 1908, foram encontrados na Estela outros objectos da ourivesaria lusitana: um colar, duas arcaçadas, torques, etc. Posto ao corrente do achado por Cândido Landolt, de novo o erudito poveiro acorreu à sua terra e adquiriu para o Museu portuense o precioso tesouro, encarregando José Fortes de redigir, ainda para a *Portugalia*, um artigo consagrado a essas jóias da Estela (vol. II, pp. 605-618).

Das aldeias do concelho da Póvoa de Varzim transportou Rocha Peixoto para o Museu Municipal do Porto diversas outras peças que assim escaparam ao abandono e à destruição, e hoje se vêem no Museu Nacional de Soares dos Reis: mós manuais de Terroso e de Averomar, uma arca sepulcral proto-cristã de Rates, um capitel românico, historiado, da antiga matriz de S. Tiago de Amorim, capitéis românicos da igreja de S. Pedro de Rates, e marcos da Casa de Bragança idos de Nabais, Amorim e Terroso (6). Foi ainda Rocha Peixoto quem convidou insistentemente o seu amigo e primo, Manuel Monteiro a escrever a monografia sobre a igreja românica de S. Pedro de Rates — um livro notável, que tornou conhecido no país o belo monumento, e que, pela sua modelar introdução, passou a constituir uma obra imprescindível no estudo da arte românica portuguesa. Ter exercido influência sobre o sábio Vergílio Correia, e estar ligado ao aparecimento de O Poveiro de Santos Graça (1932) e do S. Pedro de Rates de Manuel Mon-



Póvoa de Varzim. O monumento a Eça de Queirós, vendo-se ao fundo, com a respectiva placa de bronze, a casa onde nasceu o escritor (após a lamentável construção que sofreu)

surto de iniciativas, Rocha Peixoto prestou à sua terra inestimáveis serviços. Na Póvoa, na casa que fora de seus pais, passava o ilustre etnógrafo parte das suas férias, e outros períodos curtos, de modo que nunca perdeu o contacto com a vila e com os amigos que nela contava.

Já em 1896, no jornal *Estrella Povoense*, proclamara Rocha Peixoto a obrigação de a Câmara Municipal reerguer o pelourinho da vila, que anos antes havia sido desmontado, por motivo das obras feitas na Praça do Almada. A Câmara atendeu a sugestão e o monumento reconstruiu-se no lugar em que hoje se mantém (7).

Por 1903 lembrou-se Rocha Peixoto que, enaltecendo a memória de Eça de Queirós, se devia colocar uma placa comemorativa na casa da Póvoa de Varzim onde, em 1845, o romancista nascera! Aceite a ideia por alguns «povoenses diplomados», e decidida a homenagem, logo aderiram a ela os poveiros residentes no Brasil, que quiseram custear as despesas da placa. Nomeada uma comissão, da qual fez parte Rocha Peixoto, encomendou-se ao escultor António Teixeira Lopes, em 1904, a projectada lápida de bronze que, apesar de pronta no ano imediato, se inaugurou só em 14 de Outubro de 1906, no meio de festejos (8). Na mesma altura sofreu Rocha Peixoto, porém, imerecidos ataques e críticas, por alguns vilacondenses defenderem que Eça de Queirós não nascera na Póvoa de Varzim, mas sim em Vila do Conde (vila na qual o futuro romancista foi, de facto, baptizado). A Câmara Municipal da Póvoa de Varzim convidou então Rocha Peixoto, a procurar elementos que provassem a verdadeira naturalidade do autor de *Os Maias*. Em breve espaço de tempo conseguiu o grande obreiro da *Portugalia* recolher diversos testemunhos que garantiam o nascimento de Eça de Queirós na Póvoa de Varzim, como uma carta escrita pela própria mãe do romancista e uma antiga carta do pai, cartas de Ramalho Ortigão e de Luís de Magalhães, documentos do Arquivo da Universidade de Coimbra, etc. Estes testemunhos, que a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim guardou e cuidadosamente deve conservar, saíram publicados nos jornais poveiros em Novembro de 1906, sendo ainda impressos, com algumas das cartas reproduzidas em fotogravura, no pequeno volume intitulado *Eça de Queirós. Questão de Naturalidade* (Porto, 1906) — opúsculo redigido, certamente, por Rocha Peixoto.

(1) Júlio Brandão — *Galeria de Sombras* (Porto, s. d.), p. 164.

(2) M. S. [Manuel Silva] — «Três separatas da *Portugalia*», in *jornal Estrella Povoense*, da Póvoa de Varzim, de 15 de Novembro de 1908, p. 1; — «Rocha Peixoto», in *O Liberal*, da Póvoa de Varzim, de 16 de Maio de 1909, p. 2; — «Rocha Peixoto», in *Estrella Povoense*, de 23 de Maio de 1909, p. 1; — «Rocha Peixoto» in *O Commercio da Povoia de Varzim*, de 5 de Maio de 1910, p. 1; Cândido Landolt — «Rocha Peixoto», in revista *A Povoia de Varzim*, ano I, n.º 4 (Póvoa de Varzim, Novembro de 1911), p. 4; *Correspondência Inédita de Alberto Sampaio para Rocha Peixoto*, comentada e anotada por Manuel Monteiro (Guimarães 1941), p. 43; Manuel Monteiro — «Rocha Peixoto», in *O Primeiro de Janeiro*, de 11 de Agosto de 1944, p. 1 (artigo trans-

crita por *O Comércio da Póvoa de Varzim*, de 19 de Agosto de 1944, p. 1).

(3) *Vide* o interior da capa do opúsculo de Rocha Peixoto sobre *O Museu Municipal do Porto (História Natural)* (Porto, 1888); e João Barreira — «Os Mortos», in *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes*, vol. I (Porto, 1890), p. 95.

(4) *Vejam-se* os reparos que Rocha Peixoto emittiu sobre a miserável retribuição concedida pelos negociantes aos barristas das zonas de Barcelos, de Amarante e de Baião e aos filigraneiros das zonas da Póvoa de Varzim e de Gondomar (*Portugalia*, vol. I, p. 266; e vol. II, pp. 78 e 576-578).

(5) *Vide*, sobre o assunto: J. Leite de Vasconcelos — *Ensaio Ethnographico*, vol. II (Esposende, 1903), p. 49; Rocha Peixoto — «Bibliographia», in *Portugalia*, vol. II, p. 136;

J. Leite de Vasconcelos — «Bibliographia», in *O Archeologo Português*, vol. XI (Lisboa, 1906), pp. 361-363; Rocha Peixoto — «Supplemento», in *Portugalia*, vol. II, pp. 492 M-492 N.

(6) Museu Nacional de Soares dos Reis — *Secção Lapidar. Catálogo - Guia* (Porto, 1941) pp. 5, 11, 12, 16, 17 e 19.

(7) Rocha Peixoto — «O Pelourinho», in *Estrella Povoense*, de 8 de Março de 1896, p. 1.

(8) *Vide*: «Eça de Queiroz», in *Estrella Povoense*, de 27 de Março de 1904, p. 2; Landolt — «Eça de Queiroz», in *A Propaganda*, da Póvoa de Varzim, de 7 de Outubro de 1906; e as reportagens dos jornais *O Commercio da Povoia de Varzim* (de 21 de Outubro de 1906), *A Propaganda* (de 21 de Outubro de 1906) e *Estrella Povoense* (de 21 de Outubro de 1906).